

O Direito, a Transdisciplinaridade e a Qualidade de Ensino resumem, respectivamente, a disciplinaridade; a transcendência e o diálogo entre disciplinas; e a busca por um ensino universitário melhor. O Direito como disciplina de cunho social não se limita a uma ciência positiva, ainda que, muitos juristas, se iludam sobre isso. A transdisciplinaridade, por sua vez, como paradigma emergente, pode ser a solução dos problemas mais graves encontrados na universidade atual como a falta de autonomia discente. Aplicar a transdisciplinaridade como uma disciplina optativa (a princípio) ao Direito e aos demais cursos acadêmicos é uma urgência por qualidade. O discurso sobre a qualidade de ensino, como meta a ser alcançada, não deve mais olvidar esse paradigma inovador de que falamos, se quiser, de fato, atingir o seu alvo que é o de um ensino melhor e de uma universidade que faça jus ao seu nome.

Direito, transdisciplinaridade e qualidade de ensino

CAMPELO, Alexandre Augusto Amorim¹.

Introdução

O Direito jamais foi uma ciência estanque. Para permanecer incólume deve acompanhar as mudanças conceituais que a sociedade lhe impõe como correções necessárias na busca de seu objetivo: fazer prevalecer a justiça. A transdisciplinaridade é o modelo que surge para resgatar, no Direito e, nas demais ciências acadêmicas, a qualidade necessária para sua “lubrifica-

ção” e continuidade. Com seu prefixo “trans” propõe a investigação séria daquilo que as ciências do século XX descobriram ultrapassando as fronteiras do parâmetro cartesiano/newtoniano da matéria sólida. Como modelo do futuro, como única via de esperança, a transdisciplinaridade propõe um retorno à dinamicidade tão ausente no ensino universitário dos dias de hoje. Na busca pela qualidade de ensino, a Universidade não pode mais ignorar a transdisciplinaridade como parâmetro capaz de nos erguer a um novo patamar da educação, da cidadania, da solidariedade e de uma comunidade acadêmica mais consciente e autônoma.

Universidade ou uni-diversidade

As primeiras universidades do Ocidente, na Idade Média, possuíam um sentido de UNI-DIVERSIDADE (a diversidade na unidade). Ali eram formados autênticos filósofos, pensadores completos, não só realizados por causa de uma autonomia filosófica, mas capazes de refletir sobre os maiores problemas da existência humana. O que mais possuíam era o que hoje chamamos de “qualidade de ensino”, algo que nos falta na atual sociedade moderna.

As universidades de hoje ainda primam por um ensino positivista e um discurso cartesiano em que acabam por olvidar o valor daquilo que Daniel Goleman, PhD, psicólogo pela Universidade de Harvard e autor do livro “Inteligência Emocional” chama de QE (Coeficiente Emocional).

Alicerçados no positivismo que classifica a razão como último estágio da evolução humana, ridicularizamos a emoção, o belo, o encanto pela natureza em nome de uma suposta consciência científica que se “ri” de tudo o que parece desviar o foco do raciocínio lógico - QI (Coeficiente de Inteligência)-, da razão pura, impedindo o cientista e o acadêmico da apreciação da natureza, numa atitude de “neutralidade” face à emoção. Tal atitude conduz a ciência a uma superficialidade extrema e, conseqüentemente, à superficialização do ensino. Superficialização no sentido de uma ausência de profundidade/qualidade.

¹ Aluno do curso de Direito da UCB. 5º semestre.

A quantificação, a positivação e a fragmentação das disciplinas levando-as a um reducionismo cada vez maior, impossibilitam a mente humana de fazer “pontes” necessárias com as diversas facetas da natureza e da realidade.

Tateando no escuro da soberbia, o conhecimento acadêmico se acha único e acaba por cometer o erro de tornar a si mesmo algo absoluto, dogmático, escondido por detrás dos muros - em sentido literal - da universidade. Cercamo-nos por muros. Muros de concreto. O saber está limitado, aprisionado entre muros intransponíveis de um paradigma dogmático, dominante.

Atravessar os portões da universidade é distanciar-se ou aproximar-se da autoridade já que esta permanece escondida entre muros de tijolos, cimento, ferro.

Para deixar mais claro, quando falamos do curso de Direito - ciência social que lida com os problemas humanos/jurídicos - não podemos dissociá-lo de saberes como a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia, a Filosofia, a Biologia, a Ética, e as tradições - estas últimas que permanecem excluídas, por detrás dos preconceitos acadêmicos - sem cair no erro gravíssimo de um Direito fragmentado, dissociado daqueles saberes essenciais a sua dinamicidade, a sua capacidade de adaptação à realidade social. Ora, hoje sabemos que, numa sociedade complexa, o Direito não possui leis que durem “ad-eternum”, pois são modificadas por leis revogadoras numa contínua tentativa de adaptá-lo à realidade de cada época. Assim, o positivismo cai por terra a partir do momento que constatamos que a realidade parece ser muito mais móvel do que pensávamos. Leis absolutas parecem reger a natureza, contudo, quando o homem está distanciado de seu self (ser interior - como diria Jung), é incapaz de compreender ou de criar leis imutáveis.

Aliar a sensibilidade à inteligência, a razão ao equilíbrio emocional e à educação moral e ética ao invés de uma repressão da emoção, numa tentativa infrutífera de neutralidade, talvez seja o caminho mais seguro para um Direito mais justo. Iludem-se os magistrados que pensam poder agir de forma neutra diante dos casos que lhes

são apresentados, já que, inconscientemente, estamos sujeitos às nossas fraquezas, pré-conceitos, e problemas da vida diária que nos influenciam, poderosamente, em nível consciente. Prova disso é que petições semelhantes para casos distintos recebem, freqüentemente, pareceres diferentes quando julgados por diferentes magistrados.

A falta de um diálogo entre as diversas disciplinas acadêmicas levou a Universidade à superficialidade. Essa exoterização (superficialização) do saber é o que nos distanciou da qualidade de ensino favorecendo a crescente quantificação e distanciamento da capacidade de filosofar, de compreender a razão epistemológica da ciência. A filosofia é, portanto, essencial no discurso sobre a qualidade. Sem ela, não há qualidade. Mas a mesma filosofia deve estar amparada pelos diversos saberes, fazendo as mesmas pontes tão necessárias ao resgate da consciência na ciência.²

Se quisermos formar autênticos jus-filósofos, não devemos deixar de fazer entre o Direito e os saberes já citados, o devido diálogo, sem o qual, a aprendizagem estará, a cada dia, mais defasada pelo reducionismo cada vez mais presente.

O problema da modernidade como sinônimo da quantificação e do saber racional, criou tecnologias que combatem problemas originados pela própria modernidade e, num ciclo que parece sem fim, precisamos criar mais e mais tecnologias, não para a comodidade do homem moderno, mas para solucionar outros problemas criados pela mesma modernidade.

O efeito estufa que já não é novidade e vem provocando o aquecimento global e, conseqüentemente, o derretimento das calotas polares e o aumento do nível do mar, são problemas criados pela tecnologia e que têm como solução a criação de tecnologias não poluentes. Tudo isso como resultado de uma insensibilidade científica e de uma política econômica que jamais se preocupou com o meio ambiente. Essa mesma falta de consciência ecológica profunda vemos ocorrer no meio acadêmico.

A ciência atual, desenvolvida ao longo da Idade Moderna, tinha como objetivo a conquista

² MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Bertrand do Brasil, 1999.

ou o controle da Mãe Natureza ao invés de sua união com Ela. Em seu Discurso do Método, Descartes deixa claro que o objetivo da ciência era controlá-la, mas é o que conseguimos afinal com esse “controle” se não a destruição do meio ambiente colocando em risco a vida em todo o planeta ?

Hoje, mais que nunca, o discurso científico deve mudar, os laboratórios acadêmicos, o ensino acadêmico deve mudar e, ao contrário de uma mentalidade de dominação, de controle, devemos nos unir à Natureza (como Mãe) já que não podemos viver sem Ela. Como nos diz James Lovelock e outros grandes cientistas – que não se intimidaram com o dogmatismo acadêmico - preocupados com as condições ecológicas da Terra, todos somos parte de Gaia (termo grego para o nosso planeta). Como parte de Gaia, tudo o que acontece a Ela, acontecerá a nós também. Essa mentalidade ecológica deve fazer parte do discurso e do currículo de todos os cursos universitários, tudo por uma universidade que privilegia a qualidade de ensino.

A fragmentação dos saberes, das disciplinas acadêmicas, a falta de um “diálogo” entre eles, condicionou alunos e professores a pensar linearmente. Essa linearidade nos embota a visão, impedindo a percepção de que a simplicidade da vida só é possível graças a uma intrincada complexidade, muitas vezes cheia de paradoxos e anti-linearidade.

O que impede os estudantes de hoje de serem críticos em relação à realidade política, social, econômica, o que os mantém presos à realidade imposta pelo sistema e a não serem revolucionários – no sentido saudável da palavra, já que a vida é dinâmica - talvez seja o mesmo reducionismo incutido nas mentes estudantis desde os ensinamentos fundamental e médio. A força da mídia que acomoda as mentes é outro fator importante para explicar o porquê de tanto comodismo estudantil.

Atualmente, uma revolução saudável e eficaz deve ser levada a cabo por meio de medidas inteligentes, uma revolução do pensamento que integre saberes, promova diálogos entre os mesmos levando o aluno a ter sua perdida autonomia.

Perdemos a autonomia de pensamento graças ao absolutismo científico incontestável e a uma mídia que é

instrumento político de dominação cultural, intelectual, social.

Para os juristas, para o universo jurídico do futuro, se um paradigma sistêmico não vingar, essa situação acabará por colocar em perigo o próprio Direito já que a fragmentação entre disciplinas (Filosofia, Sociologia, Antropologia, Ética, Psicologia) e tradições, deixará, inevitavelmente, de formar profissionais autônomos. Profissionais incapazes de um discurso profundo, de uma análise crítica profunda sobre a sociedade e a relação delas com suas disciplinas particulares serão, cada vez mais, comuns.

Se analisarmos, desde já, esse problema de um ponto de vista neurológico, a própria neurociência nos mostra que o desenvolvimento linear do cérebro, ou seja, por meio de disciplinas lineares, unilaterais, não promove o perfeito desenvolvimento cerebral. Já paradigmas como a inter e a transdisciplinaridade podem ser muito eficientes para atingirmos um ensino de qualidade. O entrelaçamento de disciplinas promove interconexões neurais jamais possíveis por meio do saber positivo e cartesiano. Pensadores, cientistas como Leonardo da Vinci, por exemplo, que possuía diversos “dons” e saberes como pintura, matemática e uma capacidade inventiva extraordinária, unindo arte e ciência, teria, certamente, mais ares neurais plenamente desenvolvidas no cérebro do que a maioria dos estudantes e profissionais “robotizados” do século XXI.

O povo brasileiro é um dos povos que mais se permite à dominação, talvez por causa da forma como fomos colonizados. O hedonismo está muito presente em nossa sociedade juntamente com a permissividade. O hedonista, no sentido material, desconhece prazeres transcendentais e é facilmente controlado pelo apelo sensual. Isso lhe tira a força para lutar por seus direitos.

Também somos altamente consumistas e isso não parece ser um fato desconhecido, mas para nossa sociedade, o consumismo nos afasta de nossa essência porque uma sociedade que pensa somente em “ter” acaba se esquecendo da importância do “ser”. Confunde-se, infelizmente, o ter com o ser e acabamos por acreditar que o bonito, que o bom, é ter.

Quem busca ser antes do ter, geralmente tem o que

precisa, porque busca não aquilo que é fútil e, portanto, passageiro, ilusório, mas o que é essencial. Se, por acaso, não vier a ter o que desejava, mesmo após grande luta, não sofrerá tanto por isso; contudo, também é preciso compreender, que o ser não é incompatível com o ter. Quem busca ser no sentido esotérico (profundo, interior, introspectivo) da palavra, jamais sentirá necessidade daquilo que não pode ter. Isso não é conformismo, mas uma adequação saudável a uma condição saudável.

Poderíamos afirmar, com certeza, que o inconformismo material não é uma condição saudável, mas a neurose de algo que se quer, a qualquer custo, preencher certo vazio existencial.

E por fim, somos materialistas apesar de nossa ciência do século XX, por meio da Física Quântica, das Ciências Exatas e da Psicologia – não a psicologia acadêmica behaviorista (Psicologia Clínica) nem da psicanálise freudiana – já terem adentrado o que chamaremos aqui a transmatéria e a transpessoalidade. “Trans” porque transcende, vai além, além do que é conhecido pela ciência mecanicista.

Desde que a Física moderna penetrou o universo do infinitamente pequeno, das partículas subatômicas, o que se fala é de energia ou de matérias sutis. Aquilo que foi convencionado pela ciência clássica como matéria real de per si já não existe para a física. A matéria não é real em si mesma, não existe como objeto sólido a não ser em nossas mentes que a decodificam. Compreendemos um mundo que é, na verdade, um “exame de elétrons, nêutrons, prótons”, de energia decodificada por nossos cérebros, uma realidade quase virtual que tem sido testada em laboratório e teletransportada em nível de partícula.

Se pensarmos em nível atômico, a matéria não passa de um amontoado intrincado de energia, frequências vibratórias. Se descermos ao nível das super-cordas, criamos um problema para o pensador materialista porque adentramos o universo da metafísica. E é exatamente isso o que a ciência do século XX descobriu quando reduziu a matéria a um conjunto de partículas até chegar à energia que cria a matéria. Dantes, a matéria era tida como realidade, hoje, porém, já não o é.

Psicólogos como Carl Gustav Jung, Stanislav

Grof, Abraham Maslow, Carl Rogers, superaram o cartesianismo de Sigmund Freud. Ainda que não sejam aceitos entre os muros fechados da academia, realizaram trabalhos excelentes no campo da psique humana que, não fosse o dogmatismo científico, estariam com seus nomes nas listas dos livros universitários.

Conhecidos como psicólogos humanistas, investigaram o inconsciente humano e penetraram em níveis desconhecidos por Freud e mesmo pela psicologia clínica (Behaviorismo).

Stanislav Grof, por exemplo, ex-psicanalista, ultrapassou as fronteiras freudianas e chegou a criar uma cartografia da consciência onde são apresentados vários níveis que o ser humano pode alcançar. Entre eles estão os níveis da psicanálise e da psicologia junguiana. Mas Grof não se deteve aí, avançou mais profundamente na psique utilizando-se de instrumentos não muito usuais em experimentos da consciência, que, segundo ele, necessários para investigar profundezas além do nível psicanalítico.

Grof utilizou LSD em seus experimentos. Para ele o LSD funciona como um amplificador da consciência, assim como muitos indígenas (xamãs) utilizam suas “ervas de poder”. Sua intenção, obviamente, não era viciar-se na droga, nem fazer apologia a elas, mas utilizá-la como instrumento de alteração da consciência, de investigação da mesma. Convencido de que esse, talvez, não fosse o melhor meio científico para convencer seus opositores, criou técnicas em que é possível atingir o que chamou de “Superconsciência” sem o uso de drogas.

Assim como Grof, também Abraham Maslow e Carl Rogers, penetraram um universo desconhecido para a psicanálise que, infelizmente, se deteve – dogmaticamente, diga-se de passagem – aos fenômenos da neurose e psicose. Maslow criou a psicologia transpessoal que investiga, corajosamente, fenômenos rechaçados pela academia. O mais intrigante nisso tudo, não é o preconceito visível por meio do universo acadêmico, mas a falta de um “espírito investigativo”, de uma posição realmente científica em relação a fatos tidos como “anticientíficos”.

Mas o que é que podemos caracterizar como científico? Somente o que pode ser quantificado, medido,

pesado? Os métodos de investigação utilizados tanto por Grof quanto por Roger, Maslow e Jung não deixaram de ser científicos ou quantitativos, então, por que tanto preconceito?

No afã de se negar aquilo que se vê como irracional, parece que a ciência mecanicista e o racionalismo acadêmico criaram em torno de si um sectarismo científico não muito diferente daquele sectarismo de certas religiões. Tal fato impede a ciência de ser, verdadeiramente, ciência, já que deixa de investigar possíveis realidades que destruiriam toda uma estrutura materialista vigente.

Acredita-se que o silogismo de Sócrates: “Todo homem morre. Sócrates é homem. Sócrates morrerá.” uma afirmação baseada na lógica a partir da constatação de um fato comum e que esta constatação é inegável até que se prove o contrário. Mas o que percebemos, de fato, é que a lógica (socrática) pode não ser uma realidade inegável. Para Gregory Bateson, uma das mentes mais brilhantes do século XX, mas pouco reconhecido devido à sua postura ante-racional, ou ante-linear, a lógica pode ter outros enfoques que não o enfoque materialista.

Ora, afirmar que todo homem morre incorre em dizer que todo homem é corpo. Essa parece ser uma evidência limitada pela observação de um fato limitado. Que ou qual filósofo pode afirmar – com toda certeza – que o homem é, tão somente, corpo?

A própria ciência moderna chegou a comprovar que existem – na Natureza – sons e cores imperceptíveis aos ouvidos e olhos humanos. O ouvido humano somente é capaz de captar uma pequena faixa de 4000 vibrações por segundo. Todo som que está além disso não é percebido pelo ouvido humano. A luz ultravioleta, igualmente, não é perceptível aos nossos olhos. Como, então, podemos descartar possibilidades somente pelo fato de não serem visíveis aos nossos cinco sentidos? Será isso ciência? A ciência deve ser dogmática a ponto de negar o que desconhece?

Se o homem for mais que o corpo, a filosofia e a ciência moderna estarão negando, antecipadamente e, com uma certeza incontestável, dogmática, algo que desconhecem.

“Os homens morrem”.

O capim morre.

Os homens são capim.”

Gregory Bateson

“Bateson mostrou que o primeiro silogismo [o de Sócrates] se refere a um tipo de classificação que determina a inclusão ou não numa classe pela identificação dos sujeitos (“Sócrates é homem”), enquanto o segundo silogismo [o de Gregory Bateson] inclui ou não um elemento numa classe mediante a identificação de predicados (“Os homens morrem – O capim morre”). Em outras palavras o silogismo de Sócrates identifica itens, e o de Bateson, padrões.”³

Para Bateson a metáfora é a linguagem da Natureza, para ela a razão ou a lógica cartesiana ou socrática, não faz o menor sentido, contudo, Ela permanece existindo sem a necessidade de tudo isso.

Parece ridículo o ataque que certos pensadores materialistas, ainda hoje, fazem a autores e pensadores como Bateson ou como o físico austríaco Fritjof Capra. Tudo o que comentam soa como um ataque antevisto nas palavras de Schopenhauer: “Toda verdade passa por três estágios, primeiro ela é ridicularizada, após, é violentamente combatida e, por fim, aceita como evidente”. O que eles precisam compreender é que a realidade não está fundamentada em padrões rígidos, estritamente positivos, racionais, mas que a realidade também possui aspectos por eles classificados como irracionais, o que poderíamos conceber como uma razão diferente, uma lógica diferente.

Em Fédom, Sócrates dialoga com Cebes sobre o poema e o poeta e conclui: “... um poeta para ser verdadeiramente um poeta deve empregar mitos e não raciocínios”.

O que isso significa? Nossa sociedade racional se distanciou de tal forma de seu Self (Ser interior) que já não conhece mais a linguagem dos símbolos, dos mitos, e teme ter de interpretar – num concurso público ou na escola – poemas. Por quê? Porque nossa concepção de

³ CAPRA, Fritjof. **Sabedoria Incomum**. Cultrix. São Paulo. 1988. pág. 67.

mundo atual é a de um objetivismo unilateral e tememos visões com sentido duplo ou paradoxal como as metáforas, as parábolas, ou os poemas. A linguagem da razão linear está tão perfeitamente inserida em nosso senso comum que tememos discursos ou filosofias não baseadas na linearidade, na unilateralidade, muitas vezes esquecendo que a vida nem sempre é unilateral e linear.

Em seu “O Homem e seus Símbolos”, editora Nova Fronteira, Carl Gustav Jung faz a analogia do mistério da consciência comparando o ser consciente e o inconsciente coletivo como a rolha e o oceano, respectivamente. O universo mítico, dos símbolos e metáforas faz parte do reino interior (esotérico/implícito) do homem. Ao ignorar isso, vivemos numa sociedade em que toda a percepção ou apreensão da realidade não passa de uma ilusão da mente. É como viver na MATRIX da MATRIX. O que seria real e que é profundo na consciência é ignorado, enquanto vivemos na superficialidade do Ser, na pequena “rolha” da consciência que bóia no imenso oceano da psique humana. Uma ilusão material criada pela ilusão de uma civilização racional superior. Despreocupados dos significados dos símbolos que fervilham em nosso interior, vivemos quase como máquinas, exatamente como acreditava Descartes ser o homem.

Não há diferença entre o que ele disse e o que vemos nas universidades materialistas de hoje. Verdadeiramente vivemos como máquinas, como autômatos, incapazes de pensar fora do sistema (MATRIX) que nos é imposto pela ciência, pela sociedade, pela política e pela universidade. Por isso é preciso mudar, mudar enquanto é tempo, mudar antes que todos os alunos se tornem, ainda mais, autômatos, incapazes de pensar, incapazes de transformar, incapazes de serem autônomos.

E, então, é aqui, que vemos a importância da prática extensionista e a transdisciplinaridade nos apresenta inúmeras práticas que podem ser aplicadas nos campos da saúde (como a meditação, yoga, acupuntura, ervas medicinais, ayurvédica); da ecologia (o ensino do cui-

dado que o aluno deve ter com a natureza, Gaia, o respeito a ela que começa com o respeito pelo próprio ser humano); do direito (é importante que os futuros juristas aprendam a lidar com as emoções, a controlá-las por meio do relaxamento, da meditação e da yoga); enfim, para todos os ramos e cursos, a transdisciplinaridade pode oferecer uma vasta contribuição para ser promovida por meio de projetos comunitários a toda a comunidade interna. Desde que o preconceito acadêmico seja posto de lado em prol de uma melhoria do ensino que não pode estar separada do corpo docente e discente - já que é o material humano o que deve ser valorizado e trabalhado - poderemos obter a tão almejada qualidade de ensino que não está separada da qualidade humana.⁴

Educadores, ginastas, pregadores, reformadores, médicos e legisladores acelerarão o verdadeiro progresso da civilização apenas quando forem os primeiros a aprender a importância de governar a si mesmos: suas emoções, seus problemas mais íntimos, desavenças exteriores que nada mais são que o reflexo de problemas interiores. Esta é a verdadeira educação e a cultura humana holística que o mundo inteiro procura. Quando os homens aprenderem a voltar suas consciências um pouco mais para dentro ao invés de mantê-las tão exteriorizadas, no tumulto dos afazeres diários, teremos o desenvolvimento harmonioso de todos os aspectos da vida e da natureza humanas.

As universidades consideram impossível ensinar princípios espirituais – inerentes ao homem – porque os confundem com os diversos dogmas de religiões conflitantes. Se, contudo, concentrassem suas atenções na essência do que é pregado pelas tradições antigas e atuais como os princípios universais da paz, do amor ao próximo, do serviço altruísta, da tolerância e da fé, que governam a vida espiritual, e se planejassem métodos práticos por meio de projetos que levassem a verdade para a mente do jovem universitário – mente que ainda está aberta ao saber – então a dificuldade imaginária desapareceria. É um grande equívoco ignorar este pro-

⁴ Por qualidade humana entendemos a capacidade moral, ética, respeito pelo próximo, compaixão, empatia, altruísmo, compreensão, paciência, tolerância e capacidade de respeito pelas diferenças. Um cuidado essencial pela vida em toda a parte e em todos os seres.

blema só porque é aparentemente difícil.

Muitos recém-formados saem das universidades com a cabeça tonta, inflada de conceitos, e são incapazes de dar um passo seguro num mundo incerto, porque as pernas de suas vontades e autodomínio estão quase paralisadas pelo assombro de uma realidade aquém do que imaginaram. Lançam-se no abismo do desespero logo que não conseguem aquela segurança tão sonhada, no abuso do sexo, da busca desenfreada pelo dinheiro e do fracasso certo nos negócios, porque não lhes foi ensinado como utilizar de forma prática, para a vida, tudo o que adquiriram no campus universitário. A paciência, a fé, a integridade, a compostura, a compreensão, a razão, o controle das emoções, o esforço correto, a concentração e a esperança lhes faltam porque jamais as tiveram. O que possuem é uma profunda desilusão quando percebem que estar formado, ser bacharel ainda não lhes garante a sobrevivência e que sobreviver é muito mais que um mero saber científico, mas envolve saberes que não são ensinados, ainda, nem nas escolas de nível fundamental e médio, e muito menos nas universidades.

E se algo ocorre de muito errado em nossa atual sociedade contemporânea, civilizada, tecnológica, positivista/mecanicista, de quem é a culpa? De todos nós. Todos somos culpados. Mas quem possui o poder da educação, sejam os pais, seja a escola, seja a universidade, esses são ainda mais culpados. Não podemos culpar o governo porque quem o assume, um dia, foi criança; um dia, foi estudante; um dia, foi bacharel. E ainda que não tenha passado pelas mãos do ensino público ou particular, passou pelas mãos de outras instituições como a família que, de igual forma, possui idêntica responsabilidade.

Quem não impede a propagação do mal e não ensina aos outros, pelo exemplo, a serem virtuosos é também culpado. Escolas, faculdades e toda a sociedade não têm tratado de ensinar pessoas a agirem como pessoas, mas têm, privilegiado um ensino tão cartesiano, tão positivista, que, não podemos mais, infelizmente, dizer que os mesmos produzem cidadãos, mais fácil seria dizer que temos produzido “peças de reposição” para o mercado. Por isso, porque não investir no desenvolvimento de uma universidade que produza não apenas grandes

matemáticos e grandes juristas, mas grandes homens e mulheres de caráter, íntegros, não apenas preparados para o mercado de trabalho como se fossem máquinas, mas preparados para a vida, preparados para o futuro e preparados para construir uma humanidade melhor e mais feliz.

Conclusão

A poesia deve ser levada em consideração. A realidade não é uma via de mão única, mas apresenta nuances de um brilho transdisciplinar essencial à sobrevivência da raça humana. Enquanto não considerarmos a importância do voo de uma libélula, enquanto não olharmos para dentro de nós, enquanto não pararmos para respirar, amar e agradecer a esse universo que nos cerca, jamais poderemos compreender o sentido da existência. Nossa ciência fria e destituída de porquês não nos pode levar mais longe na jornada rumo à verdade. O que temos feito é adentrar o abismo das impermanências e da dúvida. Se quisermos, portanto, sair dessa situação; então, devemos, agora, enquanto ainda há tempo, abraçar os ares de um novo parâmetro conceitual que emerge e é apresentado como opção ética de salvação frente aos perigos que nós mesmos criamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REALE, Miguel. **Introdução à Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1984;

_____. **Direito Natural/Direito Positivo**. São Paulo: Saraiva, 1984;

MORIN, Edgar. **A Religação dos saberes. O desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999;

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 2002;

COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia Positiva. Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo. Catecismo positivista**. São Paulo: Nova Cultura, 1988;

PRADO, Lúcia Reis de Almeida. **O juiz e a emoção**.

Aspectos da lógica da decisão judicial. Millenium, 2003.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação.** São Paulo: Cultrix, 1982;

MANNION, James. **O livro completo da Filosofia.** São Paulo: Madras, 2004;

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1995;

YOGANANDA, Paramahansa. **A eterna busca do homem. Self Realization Fellowship.** Los Angeles, CA, 2001.